

LIVIO ROSSETTI E CARLO SANTANIELLO (org.), *Studi sul pensiero e sulla lingua di Empedocle*. Bari: Levante Editori, 2004, 327 p.

A publicação, em 1999, de um papiro grego da Biblioteca Nacional de Strasbourg, contendo um volume significativo de versos atribuídos a Empédocles, desencadeou uma nova vaga de interpretações da doutrina do filósofo de Agrigento. Acontecimento filológico de máxima importância, os trabalhos de edição do papiro foram acompanhados de uma grande expectativa da parte dos especialistas. Embora muitos se neguem a reconhecer sua importância para uma revisão do pensamento de Empédocles, é inegável o papel desempenhado por ele para fazer com que o filósofo e seu pensamento voltassem à cena do debate filológico com um renovado alento.

É nesse ambiente que devemos situar o volume organizado por L. Rossetti, professor de História da Filosofia Antiga na Universidade de Perúgia, e C. Santaniello, estudioso dos Pré-Socráticos e de Plutarco.

O presente volume presta uma homenagem ao eminente professor de Filo-

sófia, Renato Laurenti, recentemente falecido. Ele reúne estudos sobre o filósofo de Agrigento, objeto da última obra de R. Laurenti, seu *Empedocle*: (Nápoles: D'Auria, 1999), publicado postumamente sob direção de C. Santaniello.

Studi sul pensiero e sulla lingua di Empedocle traz uma coletânea de artigos que retomam alguma das questões mais controversas da doutrina do filósofo, como a teoria dos dois *kosmoi*, criticada por C. Santaniello, e o saber "científico" de Empédocles, sobre o qual se interroga L. Rossetti, além de dois temas clássicos da filologia empedocleana: o problema de saber a qual dos poemas, ao *Peri Physeos* ou aos *Katharmoi*, atribuir cada um dos fragmentos particulares, do qual se ocupa o artigo de G. Cerri, e o exame da apropriação feita por Empédocles de diversos elementos da língua homérica, tema do artigo de C. Bordigoni.

O Papiro de Strasbourg reacendeu a questão clássica dos estudos empedocleanos, a saber, o problema da dupla geração e dupla dissolução das coisas mortais, suscitado pela interpretação de

alguns hexâmetros do fragmento 17 DK. "Alguns entendem", observa G. Cerri, "que um único ciclo ou processo comporta tanto a constituição de sempre novos agregados quanto a sua recorrente dissolução; outros sustentam ao invés que no arco de ciclo cósmico tem lugar duas distintas fases de formação e, em correspondência, duas fases de destruição dos agregados." (p.11). O. Primavesi, filósofo que ao lado do filólogo A. Martin preparou a edição do Papiro de Strasbourg, pretende ter encerrado definitivamente a questão. Entretanto, sua posição não fez senão levantar um novo debate, no qual intervieram vários especialistas (van der Bem, Laks, Gemelli, Bollack, Curd) que ou colocaram em dúvida ou negaram a idoneidade da fonte para por termo a tese dos dois *kosmoi*.

O primeiro estudo deste volume, de autoria de C. Santaniello, propõe um vasto aparato de novos argumentos em favor da tese da unicidade do ciclo cósmico. Ele retoma a questão de modo puntual e, embora seja imprudente dar por esgotado um problema de tal gênero, podemos dizer que sua interpretação deixa entrever o caráter orgânico de sua tomada de posição. Mediante o exame dos fragmentos e testemunhos que serviram como base aos defensores de uma e de outra das teses, ele discute o tema da cosmogonia e, particularmente, da zoogonia, ao termo do que coloca em dúvida a interpretação proposta pelos que defendem a dupla zoogonia a partir do testemunho de Aécio (A 72 DK). Os quatro estados zoogônicos, nele apontados como autônomos, não representam processos contrapostos, de agregação e de desagregação, mas um único processo em que estes dois momentos se complementam.

A parte fundamental de seu trabalho reside não tanto no exame das posições

dos intérpretes modernos, mas na individuação de novos significados e nexos entre fragmentos e testemunhos.

Um outro problema suscitado pelo Papiro de Strasbourg diz respeito a relação entre o *Peri physeôs* e os *Katharmoi*. Onde terminaria o primeiro e começaria o segundo? Como saber a qual dos poemas pertenceriam os fragmentos? A atribuição é altamente conjectural, e a divergência dos pontos de vista adotados nos dois casos é objeto de uma calorosa discussão. Haveria uma continuidade do primeiro poema no segundo ou tratar-se-iam de duas obras independentes? Não é fácil estabelecer a *concordia discors* que associa ou separa os dois poemas.

Alguns fragmentos relacionados ao B 139 DK permitem supor uma relação estreita entre eles, ou mesmo, como sugere B. Inwood em sua revisão da edição do Papiro (*Classical Review*, 50, 2000, p. 5-7.), que se encontre aí um indício a favor da tese de que existe um único poema. Posição diferente é a de J. Bollack ("Voir la Haine". Sur les nouveaux fragments d'Empédocles, *Methodos*, 1, 2001, p. 173-185), para quem o testemunho do Papiro corrobora mais com a hipótese de que um poema teria sido citado no outro, do que com a da unicidade.

A este propósito o volume apresenta o estudo de G. Cerri. Tomando como ponto de partida a elaboração de critérios para atribuir a um ou outro dos poemas os diversos fragmentos, ele se propõe a levantar as conotações em cada caso evocadas pelo poeta-filósofo. Acredita, assim, modelar um critério cuja aplicação rigorosa permitiria resolver o problema de localização de alguns fragmentos.

Outro tema que voltou a cena no âmbito dos estudos empedocleanos é

aquele da “verdadeira vocação” do filósofo, ou seja, do tipo de inspiração que se encontra na origem de sua doutrina assim como naquela dos demais Pré-Socráticos: inspiração racional ou mágico-religiosa? Uma das teses, que conta com P. Kingsley (*Empedocles for the New Millenium, Ancient Philosophy*, 22, 2002, p. 333-413) dentre seus defensores, pretende que os elementos até então tratados como filosóficos seriam reconduzidos e reinsertados em um *continuum* poético e esotérico carregado de misticismo e de magia.

Sobre este problema escreve L. Rossetti em seu “Empedocle scienziato”, que o pensamento do filósofo situa-se tanto num domínio quanto no outro, e que, por isso mesmo, o mais prudente seria ver nele tanto o poeta inclinado ao esoterismo quanto o intelectual. Em vista do que conclui que não se trata mais de escolher entre um e outro, mas de procurar “uma ótica unificante sem a qual não teria muito sentido ver só um aspecto desta personalidade de muitas faces e quase se esquecer da existência de outras faces igualmente bem atestadas” (p. 97).

Mas insistindo sobre a presença de um saber que faz apelo ao *logos*, L. Rossetti se ocupa das *doxai* ditas secundárias, ou seja, daquelas passagens que não parecem estar em conexão com o embrião do sistema exposto no *Peri physis* e que permanecem isoladas. Ao fazê-lo se depara com uma questão bastante delicada e poucas vezes considerada pela crítica: como considerar estas *doxai* que permanecem à margem do seu ensinamento principal? Que papel lhes seria reconhecido na economia de obras com um caráter global?

A tese de L. Rossetti sustenta que, malgrado o modesto potencial sistêmi-

co dessas, elas atestam sua aspiração de expor de modo abrangente o estado dos conhecimentos sobre a natureza.

Por sua vez o estudo apresentado por C. Bordigoni, “Empedocle e la dizione omerica”, se propõe a examinar a presença da língua homérica no poema do filósofo. Aproveitando-se das pesquisas de A. Traglia (*Riflessi omerici nei frammenti di Empedocle*, Bari, 1952; *Studi sulla lingua di Empedocle*, Bari, 1952) e de J. Bollack que colocam em evidência a reelaboração da língua homérica, ela mostra como tal reelaboração se encontra implicada na formulação do pensamento de Empédocles. Para tanto, aprofunda a pesquisa acerca das “modalidades com as quais Empédocles reutilizou, personalizou e, conseqüentemente, redeterminou os recursos lingüísticos e os modos comunicacionais do *epos*, a fim de criar novos meios para exprimir a sua nova *Sophia*”, para terminar concluindo que apesar de recorrer com freqüência aos vocábulos de origem homérica, o que se tem é uma “*homeridade* somente aparente da dicção empedocleana”.

Encerrando o volume dedicado à memória de Renato Laurenti, o desfecho não poderia ser outro que uma apresentação do seu *Empedocle*, publicado postumamente por C. Santaniello. Tal apresentação coube a F. Alesse, que destaca os pontos positivos da pesquisa de R. Laurenti: a atenção consagrada às obras menores do filósofo-poeta, a bem fundada defesa da teoria do cosmo único, a análise dos principais testemunhos aristotélicos, do conceito de Antifero, da relação do pensamento de Empédocles com aquele dos outros Pré-Socráticos, além de sua defesa da distinção dos dois poemas, mesmo se mantendo firme no reconhecimento da relação entre eles. F. Alesse encerra sua apreciação da obra

de R. Laurenti lembrando a importância atribuída pelo estudioso à peculiaridade do filósofo, que considerou o *Peri physeôs* como "a maior obra de correlação entre os Pré-Socráticos".

O volume coletivo sobre Empédocles se apresenta, assim, como uma obra de referência não só para o estudo da filosofia de Empédocles como também para o conjunto da filosofia Pré-

Socrática, além de nos colocar em contato com as principais posições defendidas hoje, após a publicação do Papiro de Strasbourg, no âmbito do debate das doutrinas do filósofo-poeta.

Miriam Campolina Diniz Peixoto
LIFMG